

Eduardo Rueda Neto

Especialista em Ciências da Religião e Antropologia
(Universidade Cândido Mendes)
Doutorando em Teologia (PUC-SP)

RESUMO

O legado do povo judeu para a sociedade ocidental transcende a religião, sendo também uma herança de caráter cultural, social e filosófico. Compreender a cultura judaica significa entender uma parte de nossa própria cultura, influenciada grandemente por essa etnia. Nas leis, na ética, na educação, na economia e, obviamente, na religião, o impacto da comunidade judaica é claramente percebido. Este capítulo tem como objeto abordar, de forma resumida, um pequeno recorte da cultura judaica, com foco em alguns de seus símbolos e festividades, cuja grande parte remonta aos tempos bíblicos. Ao se apresentar brevemente este conteúdo, não se pretende prover nenhum estudo exaustivo, mas uma simples súmula que visa inspirar a reflexão e motivar o debate a respeito do rico legado cultural da etnia judaica. A partir desta sucinta provocação, estudos posteriores mais aprofundados poderão ser levados a efeito. A expectativa que se nutre com o presente material é que o leitor e estudante ávido encontre aqui um aperitivo que fomenta seu espírito pesquisador, sobretudo no ramo da Antropologia Cultural, e entenda a suma importância de se conhecer e valorizar o que há de bom fora de nossa própria cultura.

Palavras-chave: cultura; judeu; símbolo; festividade; religião.

INTRODUÇÃO

A palavra “símbolo” (do grego *sýmbolon*) é tão ampla como a variedade de elementos que podem ser classificados sob essa designação. O termo define “aquilo que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo” (HOUAISS, 2009). Em termos mais simples e gerais, um símbolo ou signo é uma representação concreta que aponta para uma realidade também concreta ou, como é mais comum, uma realidade abstrata. A disciplina que se ocupa do estudo dos símbolos é a Semiótica, que se relaciona bem de perto com a Antropologia, especialmente sob a forma da Semiótica da Cultura, a qual, segundo Dorneles (2012, p. 54),

propõe que as diferentes culturas se formam e se estruturam a partir da acumulação de textos, sendo que “textos”, para esta ciência, incluem além dos livros, também as expressões artísticas (música, pintura, escultura, arquitetura etc.), discursos cerimoniais, ritos religiosos, códigos civis e leis, entre outros.

Este breve capítulo se destina a oferecer um pequeno vislumbre da cultura judaica, antiga e contemporânea, a partir de alguns de seus símbolos e festividades religiosas, que, além de serem em si mesmas símbolos dessa rica cultura, eram e são também ocasiões em que outros símbolos convergem e são expressos simultaneamente.

SÍMBOLOS DO JUDAÍSMO

Não é fácil a tarefa de selecionar alguns dentre os muitos símbolos de uma cultura. Entretanto, tal recorte se faz necessário por uma questão de delimitação. A seguir são apresentados alguns dos símbolos mais representativos do judaísmo, que expressam, entre outras coisas, a fé, a esperança e a identidade do povo judeu. A função básica desses elementos simbólicos é não somente a de representar alguma realidade transcendente, mas, de modo especial, cada símbolo cumpre o papel de um recordativo de eventos ou fatos fundamentais para a história e essência da etnia judaica enquanto povo.

A ESTRELA DE DAVI

A figura composta por dois triângulos entrelaçados é não apenas o símbolo mais conhecido do povo judeu, mas também seu emblema e distintivo, ocupando, inclusive, o centro da bandeira de Israel. Sua origem exata é desconhecida, embora se saiba datar de milhares de anos. Segundo a tradição, este símbolo era desenhado sobre os escudos do exército do rei Davi, sendo composto pelo cruzamento das duas letras “dálet” do seu nome, no alfabeto hebraico antigo.

Segundo Gomes (2022), “a estrela de Davi (chamada de escudo de Davi), é um símbolo real, um selo de realeza representativo do reinado de Davi sobre a Terra, e, por extensão, do futuro reino messiânico sobre a Terra”. Esse símbolo, portanto, evoca uma das mais acalentadas esperanças do povo judeu: a vinda do Messias e o estabelecimento de seu reinado universal (cf. Isaías 11).

Foi na Idade Média que a estrela de Davi obteve a primazia sobre a menorá, até então o símbolo mais característico do judaísmo.

A MENORÁ

Consistindo basicamente em um candelabro de sete braços, esse é um dos símbolos mais conhecidos do judaísmo. Nos tempos bíblicos,

originalmente feita por Moisés, a menorá era de ouro puro, maciço, e ocupava parte do Lugar Santo (átrio que ficava entre o pátio e o Lugar Santíssimo) no santuário israelita e, posteriormente, no templo de Jerusalém.

Costuma-se atribuir a esse elemento mais de um significado simbólico. Tradicionalmente, considera-se que a luz do candelabro representa a presença de Deus e que o número sete implica a perfeição e a plenitude dessa presença. Segundo Adler e Eisenstein (2022), a menorá representa simbolicamente a criação do Universo em sete dias, sendo que a luz central simboliza o sábado. Também se associa o candelabro de sete braços ao arbusto em chamas que Moisés viu no monte Sinai ou ainda à árvore da vida, elemento de importância central no Jardim do Éden (ELWELL; COMFORT, 2001, p. 881).

Desse modo, no imaginário judaico, a menorá está ligada à própria gênese não somente do povo hebreu, mas também de toda a humanidade.

A HANUQUIÁ

No feriado de Hanucá – que comemora a reconsagração do templo de Jerusalém, após a profanação dos pagãos gregos, no período dos macabeus¹ –, é utilizado o candelabro de nove braços, chamado hanuquiá, no qual uma das velas é o “servo” que acende as outras oito luzes, uma em cada noite da festa.

Segundo o Talmude, quando os judeus macabeus entraram no templo e procuraram reacender a menorá, encontraram uma botija com óleo combustível suficiente para apenas um dia (GARTENHAUS, 2002, p. 85). Conforme a tradição, teria acontecido então um milagre, e o óleo teria durado oito dias. Por esse motivo, o Hanucá, chamado também de “Festa das Luzes”, é lembrado com o acender do candelabro de nove braços.

Dessa forma, a hanuquiá representa, sobretudo, a provisão divina, bem como o triunfo e o renascimento da nação judaica após as tentativas de subversão de sua existência – um renascimento análogo à da fênix da mitologia grega e que infunde a esperança de que a luz de Israel nunca se apagará.

A MEZUZÁ

Trata-se de um pergaminho enrolado e guardado num estojo de cristal, metal ou madeira, contendo parágrafos do Shemá, credo judaico que afirma o caráter único de Javé como Deus supremo e da fé judaica, e outros trechos em que se encontra a ordenança para se utilizar o que é interpretado como sendo a mezuzá (Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21). Esse símbolo é fixado no lado direito das portas de todas as casas e dependências em que residem

¹ O termo faz referência à família do sumo sacerdote Matatias Macabeu, que se rebelou contra o helenismo prevalecente em sua época e contra o domínio sírio em 168 a.C. De forma mais ampla, o termo designa os membros do exército rebelde que, nessa ocasião, opunha-se ao domínio selêucida em Israel.

judeus. O costume é fundamentado mais especificamente nas passagens bíblicas de Deuteronômio 6:9 e 11:20, que dizem: “E as escreverás nos portais de tua casa, e nos teus portões.”

Segundo Elwell e Comfort (2001, p. 889), “cada vez que um judeu devoto entra ou sai de casa, toca a mezuzá e depois beija os dedos, enquanto repete para si mesmo as palavras do Salmo 121:8: ‘O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre’.”

O propósito da mezuzá é justamente lembrar o judeu a respeito de seu Criador, bem como evidenciar a identidade judaica, distinguindo a residência que possui esse símbolo. Nota-se, pois, que tal símbolo atende a um duplo objetivo, pois visa tanto a uma atitude de devoção pessoal para com Deus quanto ao testemunho da fé à comunidade vizinha.

O TALIT

O talit é um manto ou xale especial que os homens judeus utilizam em suas preces, principalmente no momento matinal de oração. Esse acessório, de lã, seda ou linho, com listras negras ou azuis, é retangular e tem em suas quatro extremidades (ou pontas) franjas chamadas “tzitzit”, em seguimento às prescrições bíblicas (Números 15:38-39). Um dos simbolismos dessa peça, mais especificamente de suas “borlas”, consiste em lembrar ao judeu as leis divinas, “para que”, conforme dizem as Escrituras, “vendo-as, vos lembreis de todos os mandamentos do Senhor e os cumprais” (Números 15:39). De acordo com Galinkin (2012),

O talit, o xale ritual, e o talit katan, o pequeno xale [usado pelos ortodoxos sob a camisa], têm distribuídas em seus quatro cantos, franjas com 613 nós, as tzitzit, que representam os 613 mandamentos divinos contidos na Torá. Nas congregações ortodoxas apenas os homens adultos podem usar esses paramentos. Nas congregações reformistas e algumas liberais, também as mulheres usam o talit e participam de todos os momentos das cerimônias religiosas, inclusive a leitura da Torá. O xale de orações é usado pela primeira vez no rito de maioridade. Já o pequeno manto é usado diariamente pelos ortodoxos, desde a infância. Os mandamentos, simbolizados nas tzitzit são, assim, lembrados durante todo o dia com o uso do talit katan, e durante as cerimônias religiosas que exigem o uso do talit, como nas liturgias na sinagoga.

Nota-se que, novamente, o propósito desse símbolo tem que ver com a memória, tendo o objetivo de fazer com que o judeu devoto não se esqueça daquilo que é tão essencial à preservação de sua identidade e de sua vida como um todo: os mandamentos de Javé.

OS TEFILÍN

Em cumprimento literal da ordem “as atarás [as palavras da Torá] como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos” (Deuteronômio 6:8), os judeus utilizam um acessório composto por duas pequenas caixas de couro contendo trechos do Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica, tradicionalmente atribuídos a Moisés), em que se fundamenta o uso desses chamados “filactérios” (cf. Êxodo 13:1-10; 11:16; Deuteronômio 6:4-9; 11:13-20). O termo tefilín vem de *tefillah*, que significa “oração”, o que indica que esses objetos são utilizados durante a prece.

Perpassadas por fitas de couro, as pequenas caixas são colocadas no braço esquerdo e na cabeça, entre os olhos. É uma espécie de amuleto, mas cuja finalidade é, à semelhança do talit, manter na memória do judeu devoto a lei de Deus, exemplificada pelas amostras contidas nos filactérios. Nos sábados e nos dias de festas religiosas o uso dos tefilín é dispensável, uma vez que esses dias, por si mesmos, já constituem um recordativo das leis divinas. Galinkin (2012) lembra que:

Os filactérios devem ser usados sobre a pele, colocando-se primeiro o do braço quando se recita a oração: “Louvado seja o Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com Seus mandamentos”. A tira é então enrolada sete voltas no braço esquerdo, terminando em três voltas em torno do dedo médio. Em seguida coloca-se o da cabeça dizendo a parte final da bênção “e nos ordenou a observar o preceito dos tefilín”. O final da tira do braço é dobrado na mão formando a letra “shin”. A tira no braço esquerdo, perto do coração, forma a letra “yod” e a tira da cabeça, a letra “dálet”. Juntas, as três letras formam a palavra “Shadai”, um dos nomes hebraicos de Deus. Ao final das orações, são retiradas no sentido inverso de sua colocação, primeiro a da cabeça, em seguida a do braço. Dessa forma, não apenas os mandamentos estão presentes e visíveis com o uso dos tefilín mas, também, a Divindade está na mente, no coração e nas ações do praticante.

É importante ressaltar que, em geral, não se atribui poder místico a esse símbolo – bem como a outros. Antes, o propósito primordial desse e de outros símbolos utilizados no judaísmo é de caráter recordatório e pedagógico, com a finalidade de transmitir, enfatizar ou lembrar uma ou mais lições espirituais.

A QUIPÁ

Sendo uma espécie de chapéu, a quipá (ou solidéu) é utilizada pelos judeus do sexo masculino como sinal de reverência e submissão a Deus. A mensagem transmitida por esse acessório tem que ver com a limitação do

ser humano, simbolizando que, acima do homem, está o Criador e, abaixo deste, todos são iguais. Sevarolli et al. (2010) enfatizam que a quipá “simboliza a igualdade entre todos os fiéis presentes na sinagoga”. A quipá, portanto, é também símbolo de humildade. Os judeus mais devotos e os ortodoxos utilizam-na o dia inteiro, enquanto outros fazem uso da quipá apenas em ocasiões de solenidade e devoção. Como se pode notar, embora diferente, a funcionalidade simbólica da quipá é similar à do talit.

O SHOFAR

Um dos instrumentos de sopro mais antigos, o shofar é feito geralmente, e preferencialmente, a partir de chifre de carneiro ou em forma de um. A preferência tem como pano de fundo o episódio em que Abraão ofereceu um carneiro divinamente provido em lugar de seu filho Isaque, no monte Moriá (Gênesis 22:1-14) (SCHIFFMAN, 1985, p. 947). Para os judeus, esse instrumento de som agudo e estridente era considerado sagrado e era utilizado com finalidades litúrgicas e para anunciar ocasiões especiais e convocar o povo para elas. Era utilizado também para fins militares, dentre eles o de chamar os soldados à forma e alertar em caso de perigo iminente.

O shofar era tocado nos dias de festas religiosas (Nm 10:2,10), principalmente na Festa das Trombetas, também chamada de Yom Teruá (“Dia do Toque”). Glasman (2010) confirma que o shofar era tocado a cada lua nova, além de ser utilizado no Rosh Hashanah (o Ano-Novo judaico), no final do Yom Kipur (Dia da Expição), e todas as manhãs do mês de Elul.

A mensagem espiritual do shofar é essencialmente a de estar preparado para a ação, sobretudo a de atender ao chamado divino. Deus chama, e a pessoa piedosa precisa sempre estar disposta a obedecer rapidamente e sem hesitação.

O SEFER TORÁ

O Livro da Torá ou Livro da Lei (Sefer Torá) se refere ao volume que contém os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica, copiados à mão em pele de carneiro. Em forma de rolo, esse volume é considerado sagrado e é guardado nas sinagogas num lugar especial chamado Aron Kodesh (“Arca Sagrada”) ou Hekhal (“Palácio”). É utilizado para leitura pública, no contexto litúrgico. Como destaca Stambonsky (2010),

O Sefer Torá tem uma importância primazial no judaísmo, ela [a Lei] representa, para os judeus a “árvore da vida” e possui-la significaria beber da seiva da tradição e dos costumes; sua leitura permitiria perpetuar através das gerações o judaísmo vivo. A comunicação entre os Céus e a Terra se expressaria por meio da sua imagem, tornando-se o veículo que uniria Deus e o homem, e o homem a Deus.

A reflexão constante e profunda no Livro da Lei é frequentemente estimulada nas Escrituras hebraicas, e a bênção divina é prometida àqueles que permanecem fiéis aos seus preceitos (cf. Salmo 1; 119).

FESTIVIDADES JUDAICAS

Parte importante de qualquer cultura são suas festas. Por meio delas, cada etnia expressa de modo bastante espontâneo e marcante seus valores, conceitos, suas crenças e sua maneira de viver em sociedade. Com o povo judeu não é diferente. As festas judaicas compõem a própria moldura da identidade cultural dessa etnia, testemunhando de sua história, religião e de seu comportamento social.

Os tópicos a seguir não se detêm nos detalhes da celebração de cada festividade nos dias de hoje, com todas as minúcias referentes a ritos, cerimônias, decoração e alimentação, mas buscam a raiz histórica de tais comemorações, sua razão de ser e seu significado.

O CALENDÁRIO DO POVO JUDEU

Os judeus contam os anos por meio de dois sistemas. Há o calendário sagrado ou religioso, cujo início é na primavera e alude à saída do povo de Israel do Egito, e o calendário civil ou secular, que começa no outono e tem como ponto de partida a época tradicionalmente atribuída à criação de Adão.

O ano judaico é dividido em 12 meses lunares de 29 dias e meio, em média (na verdade, os meses alternam entre 30 e 29 dias); e, a cada ciclo de 19 anos, há sete vezes um ano bissexto de 13 meses. Cada ano lunar tem 354 dias. Os nomes dos meses do calendário judaico são: Nissan (ou Aviv), Iyar (ou Ziv), Sivan, Tamuz, Av, Elul, Tishrei (ou Ethanim), Heshvan (ou Bul), Kislev, Tevet, Shevat e Adar. Nos anos bissextos, tem-se Adar-II (ou Ve-Adar) (GARTENHAUS, 2002, p. 74-75).

Ao longo de seu rico calendário, o povo judeu conservava – e ainda conserva – ocasiões festivas de cunho profundamente religioso, mas também social. Com concentração em dois meses específicos – o de Nissan e o de Tishrei, primeiro e sétimo, respectivamente, com três festas em cada um, e apenas uma em Sivan – (considerando neste caso apenas as festas bíblicas, e não as chamadas históricas), as festividades hebraicas tinham uma estreita relação com a natureza, eventos de sua história e símbolos de sua fé.

No próximo tópico, é feita uma rápida análise das festas judaicas registradas na Torá, sem entrar em detalhes quanto à sua celebração nos dias atuais. O principal registro bíblico das festividades de Israel se encontra no capítulo 23 de Levítico, onde são prescritas.

FESTIVIDADES BÍBLICAS

A primeira das festas do calendário litúrgico hebraico – e, por sinal, também uma das mais significativas – era a Páscoa (Pessach). Essa

celebração desencadeava as demais e era comemorada no primeiro mês do ano. Era festejada junto à comemoração dos Pães Asmos ou Ázimos (Matzot), isto é, pães sem fermento. Por sua proximidade, essas festividades eram (e são), muitas vezes, consideradas uma só.

A Páscoa foi instituída por ocasião da saída dos israelitas de seu longo período de escravidão no Egito, e seu propósito era lembrar a Israel a libertação levada a efeito por Javé (cf. Êxodo 12). Segundo o relato bíblico, após terem rejeitado as oportunidades dadas por Deus, por meio das nove primeiras pragas, o faraó e os egípcios enfrentaram o último juízo divino – a morte dos primogênitos –, e, após isso, permitiram que os israelitas saíssem. Na noite anterior à libertação, os hebreus receberam ordens específicas com relação à celebração da Páscoa. Cada família devia sacrificar um cordeiro sem defeito, cujo sangue, na noite da primeira Páscoa, seria passado nos batentes das portas, marcando a proteção divina. A carne do animal devia ser assada e comida com ervas amargas e pães ázimos. Os israelitas deviam participar dessa ocasião vestidos como se estivessem prontos para partir. Tomaz (2022) destaca que:

Essa festa religiosa é comemorada anualmente pelos judeus em todo o mundo, sendo sua presença também observada por seus descendentes aqui no Brasil através das Sinagogas Judaicas [...]. A festa reúne todos os anos, durante o mês de abril, as famílias e os amigos em torno da mesa de Pessach, onde se segue um cuidadoso ritual de preparação com orações e uma culinária específica para a ocasião.

Como dito anteriormente, os Pães Ázimos (Matzot) eram celebrados em conexão com a Páscoa. Enquanto esta era realizada na tarde do dia 14 do mês de Nissan, a festa dos Matzot tinha lugar a partir do dia imediato (15 de Nissan) e durava uma semana. Durante esses dias, os israelitas se abstinham de todo alimento levedado e retiravam de suas casas qualquer vestígio de fermento. Possivelmente, a ausência desse ingrediente trouxesse à memória a pressa com que os hebreus saíram da terra do Egito, sem ter dado tempo para a fermentação do pão (CALIXTO, 2015, p. 3). Segundo Filho (2003),

Outra ideia predominante, é que, ao iniciar a primavera, que para os judeus era o ciclo da vida, também o pão, alimento básico do homem, deveria estar elaborado com farinha nova, sem mistura de nada antigo. Ao que tudo indica, a falta de material e de tempo para elaborar o fermento novo, motivava a necessidade de comer pão sem usar fermento.

Ademais, essa prática evocava a noção de pureza, estando o fermento e o processo de fermentação em si muitas vezes associados à ideia de corrupção. Como parte da celebração dos dias dos Pães Ázimos,

realizava-se também, no dia 16 de Nissan, a apresentação a Deus dos primeiros frutos da colheita. Era basicamente uma ocasião de gratidão e reconhecimento a Javé pela provisão do alimento.

A oferta dos primeiros frutos representava uma expressão humana de ação de graças à generosidade divina. Este significado é claro em Deuteronômio 26:10, onde os israelitas são instruídos a trazer alguns dos primeiros frutos da colheita para o sacerdote e publicamente confessar: “Agora, trago as primícias dos frutos da terra que Tu, ó Senhor, me deste” (BACCHIOCCHI, 2001, p. 143).

Sete semanas após a apresentação dos primeiros frutos, ocorria a Festa das Semanas ou Shavuot, também conhecida como Pentecostes. Comemorada nos dias 6 e 7 do mês de Sivan, essa festa também tinha que ver com a colheita, desta vez do trigo (a primeira colheita era predominantemente da cevada). Seu propósito era novamente agradecer a Deus e reconhecer Sua provisão. De acordo com Bacchiocchi (2001, p. 146),

O Pentecostes era uma festa alegre que proporcionava uma oportunidade para os israelitas expressarem ação de graças pela conclusão da colheita da primavera. Era uma santa convocação que chamava para a abstenção do trabalho ordinário (Levítico 23:21). Por meio de seus representantes do sexo masculino, toda a comunidade de Israel se apresentava perante o Senhor.

Na tradição judaica, associa-se Shavuot também à entrega da Torá, por parte de Deus, a Israel, por intermédio de Moisés, no monte Sinai. Segundo a tradição, esse evento teria ocorrido na mesma data em que devia ser celebrada a Festa das Semanas.

As quatro festas mencionadas acima ocorriam na época da primavera no Oriente Médio. As três seguintes eram realizadas no outono e marcavam um período de grande solenidade. Desse segundo bloco de festas, a das Trombetas – Shofarot ou Yom Teruá (“Dia do Toque”) – era a primeira, e era comemorada no dia primeiro do sétimo mês, chamado Tishrei.

Nos tempos bíblicos, o shofar produzia um som agudo e estridente utilizado, entre outras finalidades, para anunciar ocasiões especiais e convocar o povo para elas. No feriado de Shofarot, havia um massivo toque de trombetas que anunciava a proximidade do Dia da Expição, dez dias depois – em contagem inclusiva. Posteriormente, após o ano 70 d.C, os sábios judeus estabeleceram o mês de Tishrei como início do calendário cívico judaico (CALIXTO, 2015, p. 5). Desde então, a Festa das Trombetas passou a ser chamada também de Rosh Hashanah (literalmente, “cabeça do ano”), marcando assim o Ano-Novo judaico. Na literatura rabínica, esse dia lembra também a criação de Adão.

Conforme Gartenhaus (2002, p. 84),

[...] antes que termine o Rosh Hashanah, os judeus cumprimentam uns aos outros, com um desejo sincero de “Que você seja inscrito para um bom ano”. Entre Rosh Hashanah e o Dia da Expição, a saudação é “Que você seja selado para um bom ano”. “Inscrito”, naturalmente, refere-se ao “Livro da Vida”. Não há muita festividade em casa, no Rosh Hashanah. Por outro lado, os ofícios na sinagoga são executados bem detalhadamente, incluindo muitas orações de perdão e o toque do shofar (corneta) (ver Números 29:1 e Levítico 23:24). Outra característica solene é a leitura da história do sacrifício de Isaque, em Gênesis 22, como um lembrete a Deus para que Se recorde da aliança e perdoe por amor a Isaque.

O Yom Kippur (Dia da Expição), realizado no 10º dia do mês de Tishrei, é considerado o dia mais solene do ano judaico. Desde os tempos bíblicos, essa data é considerada uma ocasião de juízo, em que o destino de cada integrante do povo de Deus é decidido, para a vida ou para a morte. Era o dia em que os pecados simbolicamente acumulados no santuário israelita eram extirpados – quando, mediante o sangue do bode expiatório, os hebreus devotos recebiam o completo perdão. Jastrow Junior e Margolis (2022) citam uma peça litúrgica medieval que descreve bem o clima que caracterizava a ocasião do Yom Kippur:

Deus, sentado em Seu trono para julgar o mundo, ao mesmo tempo Juiz, Litigante, Perito e Testemunha, abre o livro de registro; este é lido, achando-se aí a assinatura de todo homem. Soa a grande trombeta; ouve-se uma voz mansa e delicada; os santos tremem, dizendo: Este é o dia do juízo; pois mesmo Seus ministros não são puros diante de Deus. Como um pastor faz a chamada de seu rebanho, fazendo-o passar sob a vara, assim faz Deus passar toda alma viva perante Ele para fixar o limite da vida de toda criatura e determinar-lhe o destino. No dia do Ano-Novo, é escrito o decreto; no Dia da Expição, é selado quem há de viver e quem morrerá, etc. Mas o arrependimento, a oração e a caridade podem desviar o mau decreto.

Por esse motivo, o Rosh Hashanah e o Yom Kippur são conhecidos como “Os Dias Temíveis”, e, junto com os sete dias intermediários, são chamados de “Os Dez Dias de Arrependimento”, nos quais os judeus se dedicam, assim como no passado, a intensos períodos de oração, jejum e meditação.

Por fim, a última das festas litúrgicas hebraicas instituídas na Torá é a festa de Sucot, Festa dos Tabernáculos ou Festa das Cabanas. É comemorada cinco dias após o Yom Kippur (15 de Tishrei), e, assim como os

Pães Ázimos, dura uma semana. É uma ocasião de alegria que relembra a peregrinação dos hebreus pelo deserto durante 40 anos, nos quais habitaram em cabanas. A alegria e gratidão que caracterizam essa festa se devem também ao recebimento do perdão divino no Dia da Expição. Nesse período, os judeus armam tendas/barracas no quintal ou na varanda para celebrar a festa e recordar a peregrinação de seus antepassados. Sucot é considerada também a Festa da Colheita (Deuteronômio 16:13-15; Êxodo 34:22), por ser realizada na época das últimas colheitas do outono.

Durante sete dias é celebrado o fim das vindimas, em louvor a Deus por Suas dádivas. Característica desta festa é a cerimônia em que quatro plantas simbólicas – o limão, um ramo de palmeira, outro de mirra e outro de salgueiro – são levados em procissão na sinagoga. É representado o caminho em direção ao Divino Tabernáculo, onde um dia reunir-se-ão todos os homens numa única irmandade (CIVITA, 1973, p. 2717).

É importante lembrar que, dentre essas festas anuais de Israel, havia três ocasiões às quais todos os hebreus adultos do sexo masculino precisavam, obrigatoriamente, comparecer, viajando ao templo de Jerusalém (Deuteronômio 16:16). Essas festas eram: Pessach (Páscoa) – incluindo as festividades mais próximas –, Shavuot (Semanas ou Pentecostes) e Sucot (Tabernáculos). Tais festivais religiosos ficaram conhecidos como “Festas Peregrinais”, como uma alusão ao deslocamento dos representantes das famílias ao local especial de celebração. São essas, ainda nos dias atuais, as três grandes datas de maior celebração para o judaísmo.

FESTIVIDADES HISTÓRICAS OU FESTIVIDADES MENORES

Além das festividades divinamente ordenadas, registradas na Torá, há, ao longo do calendário judaico, outras datas festivas, incluindo celebrações histórico-religiosas e dias de jejum. Não é o objetivo aqui prover a lista e explicação de todas essas festividades; por isso, seguem como amostra duas das mais conhecidas festas judaicas cuja origem não se encontra numa prescrição divina – embora uma delas, a de Purim, esteja registrada na Bíblia hebraica.

A festa de Purim (“sortes” ou “sorteios”) é comemorada nos dias 14 e 15 do mês de Adar. Conhecida também como festa de Ester, tem sua origem na história dessa personagem bíblica. Comemora o livramento divino com relação ao decreto de morte expedido pelo ministro Haman, do Império Persa, que sorteou o dia 13 de Adar para exterminar os judeus (Ester 9:20-22). A hostilidade de Haman contra os judeus é considerada um protótipo do moderno antissemitismo, e a vitória do povo judeu naquela ocasião sublinha a luta dessa etnia contra o preconceito de seus opositores desde os tempos antigos.

Nos dias atuais, a festa de Purim é comemorada com alegria, envio de presentes, banquete, caridade aos pobres e leitura pública do livro de Ester. Goldberg e Rayner (1989, p. 403) descrevem que:

A principal observância da festividade é a leitura do livro de Ester, do rolo de pergaminho comumente referido como meguilá (“rolo”). Isso é feito com toques de frivolidade, mantendo-se a linguagem de humor do livro, e com bater de pés e agitar de chocalhos a cada menção do nome de Haman. Outros costumes incluem festas a fantasia para crianças, montagens de peças de humor especialmente escritas (Purimspiel, no singular), e refeições alegres, com doces de três pontas recheados com sementes de papoula, chamados hamantaschen ou “orelhas de Haman”, e bebidas alcoólicas, que são permitidas além do limite normal. Entre os mais devotos, a antiga prática de se “mandar porções um para o outro e presentes para os pobres” também é mantida.

Hanucá (“dedicação”), por sua vez, é uma festa com oito dias de duração. Começando no dia 25 do mês de Kislev e conhecida como “Festa das Luzes”, comemora a rededicação, em 165/164 a.C., pelos macabeus, do templo de Jerusalém, que havia sido profanado pelos helenistas, na tentativa de impor aos judeus os costumes pagãos. “Os valores celebrados por essa festividade são a lealdade e a coragem sob a opressão, a importância da liberdade religiosa e a força do direito para a conquista do poder” (GOLDBERG; RAYNER, 1989, p. 402).

Como mencionado antes, quando os judeus macabeus entraram no templo e procuraram reacender a menorá, encontraram uma botija com óleo combustível suficiente para apenas um dia. Teria acontecido então um milagre, e o óleo teria durado oito dias. Por isso, o título “Festa das Luzes” e os oito dias de festa.

No feriado de Hanucá, é utilizado o já referido candelabro de nove braços chamado hanuquiá, no qual uma das velas é o “servo” que acende as outras oito luzes, uma em cada noite da festa.

O SHABBAT

O Shabbat semanal (ou Sábado) é considerado uma festividade judaica, figurando, inclusive no mesmo capítulo de Levítico (23) em que aparece a lista das festas de Israel instituídas por Deus. Contudo, seu *status* é mais elevado, pois ocupa a posição de um dos Dez Mandamentos, e sua origem remonta ao começo do mundo. O Shabbat é visto como memorial ou lembrança da criação (Êxodo 20:11) e também da libertação da escravidão (Deuteronômio 5:6), e serve como sinal entre Javé e Seu povo (Ezequiel 20:12, 20), sinal de separação, santificação. É também sinal de lealdade do povo para com Deus. Como definiu Heschel (1951), o Shabbat exerce a função de um palácio ou santuário no tempo. Ele divide a semana em tempo

comum e tempo sagrado.

De acordo com a contagem bíblico-judaica do tempo, o sábado, assim como os outros dias da semana, começa ao pôr do sol. Sendo assim, o Shabbat tem início no pôr do sol da sexta-feira e se estende até o pôr do sol seguinte. Os judeus celebram esse dia como uma ocasião alegre e reflexiva ao mesmo tempo, dedicada à oração, meditação, ao serviço religioso na sinagoga e ao convívio em família.

Embora, no decorrer dos séculos, a doutrina do Shabbat tenha sido envolvida por infindáveis regras e detalhes adicionados pelos rabinos e pela tradição, a essência do significado espiritual desse dia continua bastante clara e bem preservada pelo judaísmo e outras confissões religiosas que guardam o sábado (como os adventistas do sétimo dia). E, apesar de essa instituição ser quase exclusivamente associada aos judeus, seu caráter universal é evidenciado pelo fato de ela ser anterior à própria formação do povo hebreu, estendendo-se assim a toda a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresentou mui brevemente alguns dos símbolos e das festividades da cultura judaica. O propósito foi prover um vislumbre de como tais elementos desempenham um papel essencial na composição da identidade do povo judeu, representando aspectos inerentes de sua história e sua fé, assim como traços peculiares de sua etnia. Como se pode notar, tanto os símbolos materiais quanto os imateriais de Israel constituem um portentoso patrimônio cultural, que vem sendo passado de geração em geração ao longo dos séculos, e que assegura ao povo judeu a sua perpetuidade no tempo.

Em resumo, símbolos como a estrela de Davi, a menorá, a hanuquiá, a mezuzá, o tallit, os tefilín, a quipá, o shofar e o Sefer Torá, bem como as festas bíblicas e históricas do judaísmo e o Shabbat, falam de um povo repleto de signos cujo principal objetivo parece ser o de lembrar a presença invisível de seu Deus, Criador e Redentor, bem como Suas leis e instituições, fazendo com que não se perca de vista a identidade que faz dessa etnia uma cultura tão singular.

REFERÊNCIAS

ADLER, Cyrus; EISENSTEIN, Judah David. Menorah. In: SINGER, Isidor (Ed.). **Jewish encyclopedia**. Disponível em: <<https://bitly.com/VxmXVHU>>. Acesso em: 17 set. 2022.

BACCHIOCCHI, Samuele. **God's festivals in Scripture and History, part I: the spring festivals**. Berrien Springs: Biblical Perspectives, 2001.

CALIXTO, Marcos. **Festas bíblicas**. Curitiba: Faculdade Teológica Batista do Paraná, 2015.

CIVITA, Victor (Ed.). O povo e a religião de Israel. **Conhecer**. São Paulo: Abril, 1973. v. 11, p. 2716-2717.

DORNELES, Vanderlei. **O último império**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

ELWELL, Walter A.; COMFORT, Philip Wesley. **Tyndale Bible dictionary**. Wheaton: Tyndale House Publishers, 2001.

FILHO, Antonino do Carmo. **Da Páscoa judaica à eucaristia cristã**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2003.

GALINKIN, Ana Lúcia. Da palavra ao gesto: exortações da Torá, símbolos e rituais preservando a identidade e o sentimento de comunidade judaicos. **Interações: Cultura e Comunidade**, v. 7, n. 12, p. 37-48, jul-dez. 2012.

GARTENHAUS, Jacob. **Apresentando o Messias**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2002.

GLASMAN, Jane Bichmacher de. O tempo na cosmovisão judaica. **Mirabilia Journal**, v. 11, p. 280-295, jun-dez. 2010.

GOLDBERG, David J.; RAYNER, John D. **Os judeus e o judaísmo**. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

GOMES, Silvia de Toledo. A estrela de Davi estilhaçada: uma leitura do Museu Judaico de Berlim de Daniel Libeskind. **Arquitextos**, São Paulo, ano 07, n. 081.06. Vitruvius. Disponível em: <<https://bitly.com/RgSqJNp>>. Acesso em: 17 set. 2022.

HESCHEL, Abraham J. **The Sabbath: its meaning for modern man**. New York: Noonday Press, 1951.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JASTROW JUNIOR, Morris; MARGOLIS, Max L. Atonement, Day of. In: SINGER, Isidor (Ed.). **Jewish encyclopedia**. Disponível em: <<https://bityli.com/NYDkPqO>>. Acesso em: 17 set. 2022.

SCHIFFMAN, Lawrence H. Shophar. In: ACHEMEIER, Paul J. (Ed.). **Harper's Bible dictionary**. San Francisco: Harper & Row, 1985.

SEVAROLLI, Paula Sobral et al. **Sincretismo religioso**. In: VI Colóquio de Moda. Anais. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010. Disponível em: <<https://bityli.com/aVBDbGs>>. Acesso em 17 set. 2022.

STAMBONSKY, Luciana S. Oliveira. A fala dos passos: a construção de um espaço sagrado judaico na cidade do Natal. **Revista Fênix**, v. 7, n. 2, maio-ago. 2010.

TOMAZ, Paulo Cesar; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **A celebração da Páscoa judaica e as tradições culturais: simbologia e significado**. Portal Educacional do Estado do Paraná. Disponível em: <<https://bityli.com/xyEEySW>>. Acesso em: 17 set. 2022.